

O AMOR E PORNOGRAFIA: Uma Discussão a Partir do Existencialismo Sartreano *LOVE AND PORNOGRAPHY: A Discussion Based on Sartrean Existentialism*

Kethyllen Cristina Porto Bronzi¹, Faculdade UMFG, kethyllenbronzi@gmail.com
Dante Luis Tonezer, Faculdade UMFG, dante.tonezer@umfg.edu.br

Resumo: O presente trabalho busca compreender como o amor pode atuar como impulsionador do consumo de práticas pornográficas, utilizando como aporte teórico o existencialismo sartreano. A pesquisa parte da seguinte questão norteadora: de que forma o amor, enquanto vivência subjetiva e relacional, impulsiona o sujeito ao consumo de pornografia? O objetivo central é investigar essa articulação, refletindo sobre como a frustração amorosa e a angústia diante da liberdade do outro podem conduzir o indivíduo a buscar o prazer objetual por meio da pornografia. A fundamentação se ancora em autores como Sartre, El Far, Giddens e Mondzain, articulando conceitos como má-fé, voyeurismo, ser-com e prazer objetual. Dessa forma, a pornografia é interpretada não apenas como prática sexual, mas como resposta simbólica à angústia relacional, à perda de controle e à recusa do outro no campo amoroso.

Palavras-chave: amor; pornografia; voyeurismo; má-fé; angústia.

Abstract: This study seeks to understand how love can act as a driver of pornographic consumption, using Sartrean existentialism as a theoretical framework. The research is based on the following guiding question: how does love, as a subjective and relational experience, drive the subject to consume pornography? The main objective is to investigate this connection, reflecting on how romantic frustration and anguish in the face of the other's freedom can lead the individual to seek object pleasure through pornography. The foundation is anchored in authors such as Sartre, El Far, Giddens and Mondzain, articulating concepts such as bad faith, voyeurism, being-with and object pleasure. In this way, pornography is interpreted not only as a sexual practice, but as a symbolic response to relational anguish, loss of control and rejection of the other in the field of love.

Keywords: love; pornography; voyeurism; bad faith; anguish.

1 INTRODUÇÃO

A pornografia, enquanto fenômeno social, cultural e subjetivo, ocupa um lugar ambíguo na contemporaneidade. Por um lado, é amplamente consumida e naturalizada no cotidiano, especialmente por meio das plataformas digitais, por outro, ainda carrega estigmas morais e sociais fortemente enraizados. Essa dualidade revela a complexidade do tema, exigindo abordagens que ultrapassem visões moralizantes e reducionistas.

A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre o entrelaçamento entre o amor e o consumo de práticas pornográficas, buscando compreender como a vivência amorosa, marcada por angústia, desejo e frustrações, pode impulsionar o sujeito ao consumo de pornografia como forma de evasão simbólica. Partindo de uma abordagem existencialista e ancorada na filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, a investigação visa compreender o significado dessas práticas a partir da experiência subjetiva do indivíduo.

A relevância do estudo está em ampliar o entendimento sobre o consumo pornográfico para além do campo da sexualidade, inserindo-o no contexto das relações humanas e da dinâmica afetiva do sujeito. Com isso, busca-se contribuir para os debates na Psicologia sobre a construção do desejo, o sofrimento afetivo e a forma como o sujeito lida com sua liberdade e com a do outro nos vínculos amorosos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

¹Discente do curso de Psicologia da Faculdade UMFG

²Prof. Msc. Dante Luis Tonezer – Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá e Professor na UMFG Faculdade

Esta pesquisa se desenvolveu por meio de uma abordagem qualitativa, de natureza teórica e interpretativa, ancorada na perspectiva existencialista. O objetivo foi compreender, à luz da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, como o amor pode impulsionar o consumo de práticas pornográficas, considerando as vivências subjetivas do sujeito contemporâneo.

Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica fundamentada em fontes acadêmicas que abordam os temas centrais da pesquisa: amor, pornografia, desejo, subjetividade, má-fé, voyeurismo e liberdade. Os critérios de inclusão adotados foram obras clássicas e contemporâneas com reconhecida relevância teórica nas áreas da Psicologia, Filosofia, Sociologia e Estudos Culturais, bem como publicações que dialogam com o pensamento de Sartre e autores correlatos. Foram excluídas fontes com caráter opinativo, sem base acadêmica ou que não apresentassem vínculo com os conceitos discutidos no trabalho.

Ao todo, foram selecionadas 11 obras que compõem o referencial teórico da pesquisa. A análise dos dados se deu por meio de uma leitura crítica e interpretativa do conteúdo selecionado, utilizando a análise de conteúdo temática como método, com foco na identificação de categorias conceituais centrais, tais como: desejo, evasão, angústia relacional, objetificação e prazer simbólico.

3 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Pornografia. O termo tende a desconcertar as pessoas. Alguns lançam a pornografia no antro da imoralidade, e, admiradas por outros com tanta pujança, exacerbam o desejo de consumação da prática. O léxico ‘pornografia’ inclina-se para impressões pejorativas que se assemelham a objetificação de difamar e depreciar (El Far, 2007).

O dispositivo pornográfico pode ser encontrado de diversas formas, como por exemplo em livros, filmes, séries, pinturas e em outras diversas dimensões. Conforme El Far (2007), toda e qualquer extensão da pornografia, ela estará associada à obtenção e à consumação de prazeres e desejos, que terá um fim em si mesma.

O senso comum contempla a pornografia através de duas vertentes principais, muitas vezes contraditórias. Por um lado, utiliza-se a visão moralizante e negativa, influenciada diretamente por valores religiosos, culturais e familiares. Deste modo, é associada à promiscuidade, ao pecado, ao vício, a algo sujo, vulgar e imoral. Considerada uma ameaça à família e relacionamentos tradicionais, pervertendo-os. Ocasionalmente é vista como impulsionadora da violência sexual e comportamentos inadequados.

Por outro lado, com o avanço das redes sociais, sites e aplicativos, se constrói uma visão “liberal” e naturalizada, os debates sobre o tema ‘sexualidade’, caminha para uma perspectiva mais permissiva. Por consequência, enxerga a pornografia como forma de liberar o desejo sexual, tornando-se parte da vida adulta, principalmente na masculina. Por vezes esse senso comum banaliza ou romantiza o seu consumo, seja por entretenimento, prazer ou fantasia, desconsiderando críticas sociais, éticas, culturais e/ou psicológicas.

O senso comum intitula a pornografia como uma concepção voltada única e exclusivamente para satisfação do prazer em qualquer estado que seja, como se a sua função se resumisse a isso. Todavia, o conceito ‘pornografia’ suplanta os estigmas e estereótipos que recaíram sobre ela. Segundo Alessandra El Far (2007):

Como se sabe, a palavra pornografia, cuja raiz etimológica significa ‘escrever sobre prostitutas’, foi usada pela primeira vez na França, no ano de 1769, no tratado de Restif de la Bretonne, intitulado *Le pornographe*, que defendia a prostituição legalizada e controlada pelo Estado (p. 193).

Nesse prisma, Maingueneau (2010), ressalta que escrever sobre prostitutas retoma a etimologia

da pornografia, ‘porné’ que vem do grego antigo, que designa ‘prostituta’, de fato.

Houaiss & Villar (2001, p. 2883) aborda que o voyeurismo é um termo de origem francesa, que consiste em se excitar ao ver a nudez ou o ato sexual de outrem. De acordo com o *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (DSM-IV): “fantasias e anseios sexuais recorrentes, intensos e sexualmente excitantes que envolvem objetos não humanos, crianças ou pessoas sem consentimento, ou o sofrimento ou humilhação reais, próprios ou do parceiro” (Kaplan & Sadock, 1999, p. 1446).

Na obra “O Ser e o Nada”, Sartre traz o conceito voyeurismo como uma manifestação do Ser-no-mundo, em sua relação com o outro. Na visão de Sartre (1943), o existencialismo posiciona o sujeito diante da angústia e liberdade. Segundo o mesmo autor, o voyeur quer ver sem ser visto, ou seja, um “olhar como prisão”. Sartre (1943) pondera que quando visto deixamos de ser pura liberdade. Nesse sentido, o indivíduo nessa posição deseja o controle da situação sem se comprometer com a reciprocidade do outro, fugindo da responsabilidade de igualmente ser reconhecido pelo outro. Dessa forma, o voyeur é livre para escolher, mas não escolhe a relação com o outro que exige mutualidade, ele evita o confronto existencial com o outro.

O voyeur vive em um autoengano, ou seja, má-fé. A má-fé é o autoengano consciente, ou seja, quando o sujeito finge para si mesmo que não é livre e que não possui responsabilidade sobre suas escolhas. Sendo assim má-fé é a negação de sua própria liberdade para escapar do conceito de existir. O voyeur não quer assumir a responsabilidade de lidar com o outro, dessa forma, ele reduz o outro à um objeto e a si mesmo numa consciência invisível, fingindo que a relação é neutra, sem envolvimento. O prazer do voyeur está na evitação da angústia gerada na relação com o outro, tirando-o da posição de sujeito absoluto (Sartre, 1943).

Para além da função de prazer fisiológico ou social da pornografia, é necessário compreender o sujeito em sua liberdade, escolhas e angústias. Nesse prisma, a Psicologia Existencialista, sob a ótica de Jean-Paul Sartre, compreende como o amor e a pornografia se entrelaçam na vivência subjetiva (Sartre, 2007).

O amor no ocidente é contemplado pelo cristianismo, pela sociedade, pelo amor-paixão e pela contemporaneidade. O primeiro tratado sobre o amor foi o Banquete de Platão, em que os caracteres do amor transcendem a existência humana, quando são sublimados e generalizados, ganhando contorno inato e extramundano.

Pela ótica do cristianismo, o amor é idealizado como um fim em si mesmo, ocorre na negação da totalidade humana. Já que o amor está ligado à fé, o amor cristão excede o divino, ligado a Deus, sendo negada ao homem e assegura o paraíso aos sujeitos. Desse modo, o amor tudo suporta, se finda e tem um propósito, porque é sacrifício (Macfarlane, 1990).

No final do século XVIII e início do século XIX, o amor romântico ou o amor paixão, rompe com a visão do amor sob a ótica cristã, uma vez que vivido de forma infeliz, é entendido com o sofrimento que recompensa uma vida que é boa e justa. Dessa forma, o amor contribui para com a justificação da existência do sujeito (Macfarlane, 1990).

Costa (1999) afirma ainda que “o amor romântico só frutificou onde a cultura burguesa impôs as regras da satisfação emocional individualista” (p.147). O amor se mostra como algo que vem para nós e não que vem de nós, tornando-se um pré-requisito para a autorrealização, o fato de que sem o amor não existe felicidade. Sendo que a felicidade depende do desempenho e responsabilidade do sujeito, independentemente de sua cultura e círculo social.

As teorias de Beauvoir (1990) e Sartre (1968), abordam o amor paixão, observa Sartre (1968):

O amor-paixão glorificado pelo mito (de Tristão e Isolda) foi realmente no séc. XII, data de seu aparecimento, uma religião, em toda a força desta palavra, e, especialmente, uma heresia cristã historicamente determinada. Onde se poderá deduzir que a paixão vulgarizada atualmente pelos romances e filmes é apenas o refluxo e a invasão anárquica nas nossas vidas de uma heresia espiritualista de que perdemos a chave (p. 55).

No existencialismo Sartriano, o ser-com aparece como um movimento existencial. Sartre (2002) propõe que o ser humano está condenado à liberdade e vive em permanente relação com o outro, quando colocado diante do outro, o sujeito não está apenas em convivência, ele está num movimento existencial, chamado de ser-com. O “ser-com” é a tentativa de existir com o outro, sem que a nossa liberdade ou a do outro seja anulada.

O sujeito deseja ser amado, porém não pode forçar esse amor ao outro. Dessa forma, o outro é livre para não nos amar, e é nesse momento que a liberdade do outro gera angústia, pondo em risco sua segurança emocional e um projeto de ser-com, visto que a qualquer momento o sujeito amado pode me negar (Sartre, 1943).

Com base em uma perspectiva sartriana, quando um sujeito não suporta a frustração do amor real, este pode sentir angústia diante da liberdade desse outro e temer a rejeição, ou o “não” ao desejo sexual, podendo recorrer a busca de prazer objetual. Em outras palavras, transformar o outro em um objeto de saciedade, sem o medo de se sentir rejeitado. A pornografia pode ser uma estratégia simbólica para evitação dessa angústia relacional. Ela oferece o prazer sem exposição explícita, sendo assim, o outro deixa de ser um sujeito e torna-se imagem, corpo, objeto.

Assim, ao consumir a pornografia, o sujeito parece buscar uma forma de prazer desvinculada da vulnerabilidade, substituindo o encontro clássico à dois, por uma relação unidirecional, em que não há ameaça de rejeição. Por fim, a pornografia pode ainda ser interpretada como uma forma de má-fé, um autoengano estratégico que busca fugir da responsabilidade afetiva que o amor exige, mantendo-se, dessa forma, numa zona de prazer e controle.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise desenvolvida, foi possível compreender que a relação entre o amor e o consumo de práticas pornográficas revela dimensões subjetivas profundas, atravessadas por angústias, frustrações e desejos. A pesquisa respondeu à questão proposta, ao demonstrar que o amor, especialmente em sua vivência marcada pela incerteza e pela liberdade do outro, pode impulsionar o sujeito a buscar o consumo de pornografia. Tal prática aparece como estratégia simbólica de evasão da vulnerabilidade afetiva, oferecendo prazer sem exposição, sem reciprocidade e sem risco de rejeição.

Os objetivos propostos foram atingidos, especialmente ao abordar o fenômeno da pornografia por uma perspectiva existencialista, descolada de juízos morais e preconceitos. A pesquisa contribui para ampliar o olhar sobre o consumo pornográfico, não apenas como uma prática sexual, mas como um reflexo das formas como o sujeito lida com o outro, com o amor e com sua própria liberdade.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. de. (1990). *O Segundo Sexo: A Experiência Viva*. (S. Milliet, Trad.). 9a impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.2.
- COSTA, J. F. (1999). *Sem fraude nem favor – estudos sobre o amor romântico*. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- EL FAR, Alessandra. (2007). *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GIDDENS, Anthony. (2004). *La transformación de la intimidad, sexualidad, amor y erotismo en*

las sociedades modernas. Madrid: Cátedra.

HUNT, Lynn. (1999). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*. São Paulo: Hedra.

MACFARLANE, A. (1990). *História do Casamento e do Amor – Inglaterra (1300-1840)*. (P. Neves, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

MAINGENEAU, Dominique. (2010). *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola.

SARTRE, J. P. (1968). *Denis de Rougemont: o amor e o Ocidente*. In: *Situações I*. (R. M. Gonçalves, Trad.). Lisboa: Publicações Europa-América.

SARTRE, Jean-Paul. (1943). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes.

SILVA, Marcio Roberto Santim Da. (2017). “Os conceitos de voyeurismo e exibicionismo”, p. 29-40. In: *Culto ao corpo: Expressões do voyeurismo e do exibicionismo na estética contemporânea*. São Paulo: Blucher.